

CARTA AOS AMIGOS DO MUNDO

Fórum Permanente sobre a extrema pobreza no mundo



Movimento internacional ATD Quarto Mundo
107, avenue du Général Leclerc - 95480 Pierrelaye - France

JANEIRO DE 2009 – N° 70

Éditorial

"Obreiros" e orquestradores da Convenção Internacional Relativa aos Direitos da Criança

"Que neste terceiro milénio, nenhuma criança, qualquer que seja o seu sexo, a sua língua ou a sua religião, seja abandonada à fome e à ignorância, e deixada à porta do banquete. Essa criança traz em si o futuro da raça humana."
Jean-Marie Gustave Le Clézio, Prémio Nobel de Literatura 2008. Excerto do discurso pronunciado na Academia Nobel, no dia 7 de Novembro de 2008.

As consequências da crise económica e financeira que abala o mundo esmagam e esmagarão muito mais as pessoas que já vivem numa situação vulnerável de grande pobreza e de exclusão. Quantas vezes já não lemos e ouvimos esta frase! A história está cheia destes períodos de importante transição em que a consciência colectiva reconhece que os que mais gravemente sofrem com as catástrofes - quaisquer que sejam as suas causas - são sempre os mais desfavorecidos. Mas terá esta tomada de consciência transformado radicalmente as relações entre os homens?

O vigésimo aniversário da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança deveria proporcionar a oportunidade de avaliar as transformações provocadas pelo trabalho dos "obreiros", orquestradores da Convenção que agem a todos os níveis, e de redescobrir com eles o sentido da construção de uma humanidade comum.

Entre estes "obreiros", estão os correspondentes do Fórum Permanente. Eles revelam-nos a realidade de crianças desprovidas de existência legal, de crianças que moram na rua, de crianças que não vão à escola, de crianças que trabalham, de crianças apelidadas "bruxas", de crianças exploradas, de crianças mendigas, de crianças presas, de crianças excluídas por múltiplas razões. Os nossos corres-

pondentes não dissociam as crianças dos seus pais nem das suas comunidades. Mas tornam visíveis as suas vivências múltiplas e complexas e é daí que partem para a acção. Põem em evidência o potencial e os actos de resistência das crianças e adultos, inclusive daqueles que vivem na mais total exclusão.

A criatividade dos nossos correspondentes (por mais reduzidos que sejam os meios de que dispõem) tenta fazer com que todas as crianças permaneçam no seio das suas famílias, frequentem uma escola, expressem os seus dotes artísticos, participem em actividades lúdicas... Eles organizam as aprendizagens mais variadas, e fazem com que crianças de diversos meios se possam encontrar.

Assim, lá onde vivem, com as possibilidades que lhes são próprias, animados pela convicção de que a miséria não é fatal, os correspondentes do Fórum Permanente já se puseram a caminho e mobilizam outras pessoas para a eliminar. Eles estão convictos de que se trata realmente de eliminar a miséria, e não de simplesmente aliviá-la ou reduzi-la. Através do seu empenhamento quotidiano ao lado de crianças e famílias muito desfavorecidas, eles apontam para as mudanças fundamentais que a aplicação da Convenção a todas as crianças, sem excepção, deverá acarretar.

Não há dúvida que desde sempre existiram pessoas (e, mais recentemente, associações) que, no seio das suas comunidades de vida, se ergueram para se unirem e agirem ao lado das vítimas da fome, da ignorância e da violência. Mas o que talvez seja novo, e certamente de bom augúrio, é esta corrente mundial que emerge e se torna cada vez mais visível, uma corrente feita de milhares de pequenos regatos, às vezes calmos e sossegados, outras, tumultuosos e agressivos, mas que todos provêm do reconhecimento do direito que tem cada ser humano a viver dignamente, fazendo parte integrante da comunidade de todos os homens.

HUGUETTE REDEGELD, VICE PRESIDENTE

• **No Estado de Minas Gerais, há muitos moradores de rua vítimas de ações que "demonstram total desrespeito para com a sua integridade física ou moral". Uma "cartilha de direitos" desses moradores de rua foi publicada para tentar ajudá-los e alertar a opinião. Excertos:**

"Morar na rua é um sofrimento. Porque você corre muito risco. Porque as pessoas te humilham." "Moramos onde passam muitos que se acham diferentes de nós. E isso nos incomoda e, sabemos, incomoda muita gente. (...) E daí somar esforços para que possamos um dia morar onde todos moram. E os que passam e se acham diferentes possam se juntar a nós com a finalidade de lutar por uma sociedade justa, fraterna, igualitária!" Mas "a população de rua é vista como invasora" por muita gente: "A rua não é lugar nem de

morar nem de comércio. Para que a passagem não seja obstruída, essas pessoas têm que ser retiradas". Por isso os "agentes públicos" agredem os moradores de rua, "retiram seus pertences e documentos, e para que os materiais sejam devolvidos é cobrada uma taxa, além de atestado de bons antecedentes!"

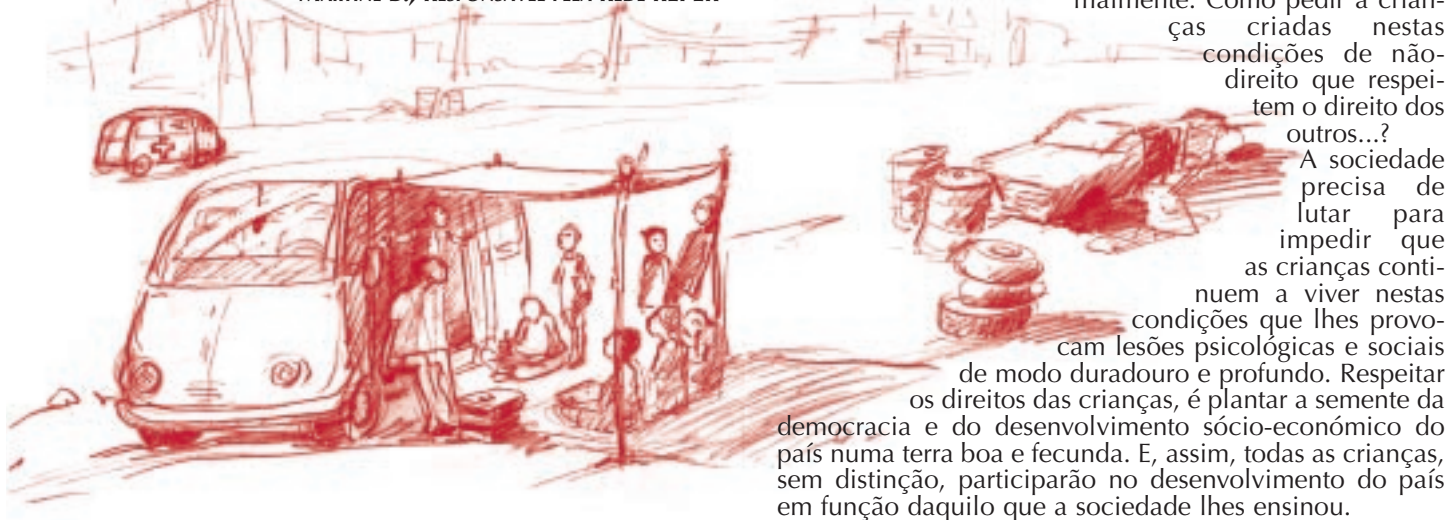
Por causa de tudo isto, a Pastoral de Rua de Belo Horizonte, em parceria com outras entidades, exige, entre outras coisas: "criação de alternativas de moradia nos projetos financiados pelo Governo; desenvolvimento de projetos de reforma de imóveis públicos para uso habitacional; disponibilização de imóveis vazios nos centros urbanos; garantia de integração entre habitação e infraestrutura social"... E, sobre tudo "que nas ações de retirada se ofereça alternativa de moradia e não de abrigo!"

Fábio A. S., Brasil

- **A propósito da reintegração nas suas próprias famílias de crianças que vivem na rua, a responsável da Rede de Intercâmbios sobre as Crianças da Rua, REPER, transmite-nos as seguintes reflexões:**

Há já muito tempo que as associações da REPER perceberam que o melhor lugar para uma criança viver era no seio da sua própria família, isto, no caso das condições da vida em comum serem aceitáveis. Multiplicaram pois os seus esforços para encontrar as famílias e para que, tanto elas como as crianças, aceitassem o regresso destas últimas. No entanto, há cerca de dois anos, as condições de vida (e de sobrevivência) passaram a ser tais que muitas crianças começaram a abandonar de novo a sua família poucos dias depois do seu regresso. Porquê? Simplesmente porque tinham fome. E depois fugiam aos educadores que os tinham levado para as suas casas. As associações compreenderam então que não bastava levar as crianças para as suas casas, mas que também era preciso ajudar as mães a manterem os filhos junto delas. Certas associações passaram a dar às mães uma espécie de abono de família. Outras, ajudaram-nas através da criação de uma qualquer actividade económica para a mãe de família. Outras ainda organizaram-se doutra maneira: os educadores, após uma formação, passaram a revezar-se durante 24 horas por dia para viverem na rua com as crianças. Há carrinhas transformadas em enfermarias ou em escolas que percorrem a cidade seguindo todos os dias o mesmo itinerário e parando nos mesmos lugares. Há material escolar que foi concebido e fabricado para este novo tipo de utilização. Fico sempre estupefacta perante tanta miséria e, ao mesmo tempo, tanta criatividade para a combater!

MARTINE B., RESPONSÁVEL PELA REDE REPER



- **Coordenador de JEUNE (Jovens Engajados Unidos para uma Nação Exemplar), associação criada em 2004 para uma "juventude diferente, formada e informada", Chadeji J. vive preocupado com a educação das crianças e dos jovens para que eles sejam cidadãos democráticos, "pois isso faz parte da minha condição de ser humano", como ele afirma. Mas como conseguir isso se os direitos das crianças não forem respeitados?**

JEUNE/Haiti acredita que as crianças do país precisam da sociedade para se tornarem homens de bem. Segundo a Convenção relativa aos direitos da criança, a Constituição e as leis de Haiti, todas as crianças têm os mesmos direitos, quaisquer que sejam as suas origens, qualquer que seja a sua cor. As crianças têm direito à saúde, a tempos livres e distrações, têm o direito de viver na medida do possível com as suas famílias. Têm direito à vida (as crianças devem gozar das melhores condições possíveis para o seu desenvolvimento, não devem ter fome, devem ter um tecto para as proteger). Têm direito à saúde: todas as crianças devem poder beneficiar da melhor saúde possível. Direito à educação: todas as crianças devem poder aprender a ler e a escrever. Direito à protecção contra a exploração em todos os terríveis aspectos que ela reveste...

Mas olhem para as nossas crianças: acham que os seus direitos são respeitados? Vivem na rua e não têm ninguém que as eduque correctamente e lhes ensine a portarem-se bem, que lhes ensine o civismo para que se tornem bons cidadãos. Os seus direitos à educação, à saúde, ao alojamento, são ignorados. Não têm ninguém para lhes inculcar o respeito próprio e alheio. As nossas crianças vivem nas ruas, comem restos de comida, não se alimentam normalmente. Como pedir a crianças criadas nestas condições de não-direito que respeitem o direito dos outros...?

A sociedade precisa de lutar para impedir que as crianças continuem a viver nestas condições que lhes provocam lesões psicológicas e sociais de modo duradouro e profundo. Respeitar os direitos das crianças, é plantar a semente da democracia e do desenvolvimento sócio-económico do país numa terra boa e fecunda. E, assim, todas as crianças, sem distinção, participarão no desenvolvimento do país em função daquilo que a sociedade lhes ensinou.

CHADEJI J., JEUNE/HAITI

O Apelo à união para um mundo sem miséria... em marcha

Depois de ter assinado ele próprio na Internet o Apelo (ver "Carta aos Amigos dos Mundo" nº 69), Aimé M., da ONG Congolex-populus na República Democrática do Congo, mandou para um grande número de amigos e conhecidos a mensagem seguinte: "Por favor, telecarreguem este Apelo e assinem-no, a fim de lutarem contra a pobreza no mundo inteiro. A vossa assinatura pode salvar muitos dos que vivem numa miséria total."

Depois de nos ter enviado cerca de vinte assinaturas, o Padre Antoine T., do Congo Brazzaville escreveu o seguinte comentário: "Com o próximo começo das aulas, muitos jovens e muitas famílias da nossa paróquia serão postos ao par desta vossa iniciativa e muitas outras assinaturas virão juntar-se a estas. Parabéns por continuarem a fazer uma sensibilização popular para que cada vez mais pessoas tenham consciência desta situação e para que, cada um na

sua região e todos juntos, façamos alguma coisa. Coragem! PS: Propor o lançamento dum clube de octogenários!"

Seguem alguns comentários, escolhidos entre muitos outros, através dos quais os assinantes do Apelo exprimem o seu apoio:

- Hoje mais do que nunca a pobreza deixou de ter razão de existir. Continuemos, todos e todas, sempre juntos. (Canadá)
- As nossas famílias lutam contra a pobreza e nós sabemos a que ponto elas sofrem, e queremos estar com elas e ouvi-las. (Maurício)
- A dignidade, que é o contrário da miséria, é o próprio do ser humano e temos que a defender acima de tudo. (Espanha)

• **A cidade de Uvira fica situada a 80 km de Bukavu, na República Democrática do Congo. Há vários anos foram lá criados vários grupos Tapori, uma corrente de amizade que liga todas as crianças. Uma animadora de grupo testemunha:**

Sou parteira há 12 anos. Exerço esta profissão para poder ajudar pessoas com pouco dinheiro. Pratico-a em minha casa com a autorização das autoridades sanitárias locais. Faço 6 a 7 partos por dia. Em princípio, um parto normal no hospital de Uvira custa 15\$US. Mas eu levo só 6\$. Certas mulheres que têm os filhos em minha casa não conseguem pagar as despesas e algumas não podem pagar nem metade da soma, por causa da grande pobreza derivada das guerras. Pior ainda, algumas delas, depois de terem dado à luz, não têm nem uma roupinha para agasalhar o bebê e não têm mantimentos para o período pós-parto.

Perante este tipo de situação, sou eu que tenho de lhes dar alguma roupa e alimentos para o bebê. Estas condições de trabalho não me permitem ganhar grande coisa, porque os medicamentos de que me sirvo são caros. Para tentar equilibrar as coisas, ensinei a minha profissão a duas outras mães do bairro, que agora já sabem fazer partos e podem ganhar a vida delas.

Este meu ofício de parteira, aprendi-o quando tive que trabalhar uma porção de anos na sala de partos do hospital. É por isso que o que aprendi, ensinei-o agora a outras. Esta solidariedade, este modo de agir, consolidei-os graças às crianças do grupo Tapori que acompanho.



THÉRÈSE M., ANIMADORA TAPORI, RD CONGO

• **O conjunto musical "Os trovadores 'Ritmo da Esperança'" (Ministrels Rhythm of Hope) é formado por jovens talentosas vindas de zonas desfavorecidas de Manila, que sabem o que representa ter uma vida difícil e o que é o sofrimento. Aqui têm uma passagem do depoimento delas, publicado no boletim "Asian Forum: All Together in Dignity", em Dezembro de 2008:**

Em parceria com uma das organizações que nos tinha ajudado durante a nossa infância, lançámos um programa de partilha com crianças de meios desfavorecidos, com a esperança de lhes podermos dar alguma coisa de tudo o que tínhamos recebido. Reunimos regularmente essas crianças para tentar desenvolver o seu interesse pelo teatro, pela dança, pelo canto, pelas artes visuais, etc. Damos-lhes também uma ajuda a nível de alfabetização e um apoio suplementar no trabalho escolar. A educação alternativa e os projectos artísticos dão às crianças das Filipinas uma oportunidade para adquirirem conhecimentos, para se exprimirem com criatividade e para realizarem coisas belas num meio que é muitas vezes deprimente.

Há amigos nossos que nos perguntam porque é que gastamos tanto tempo a trabalhar em coisas pelas quais não recebemos nada ou quase nada. A verdade é que a única coisa que nos importa é poder comer todos os dias, ajudar os membros da nossa família e estudar; tudo isto é muito mais importante do que viver numa maneira estéril e sem sentido, que não corresponde ao nosso ideal.

Lutar contra a pobreza é um combate muito longo! Já perdemos montes de ilusões... mas não perdemos a esperança. Temos esperança na nossa família e no nosso futuro. E também esperamos que o nosso grupo poderá chegar até muitas crianças e jovens desfavorecidos e ajudá-los a terem, eles também, esperança e grandes aspirações. Acreditamos que poderemos modificar muita coisa na vida das crianças. Com efeito, ninguém é tão pobre que não tenha nada para oferecer, e ninguém é tão rico que não precise de nada. Como diz a canção: "Como seria a vida, como seríamos nós sem uma canção?" E sem esperança? Enfrentemos os nossos medos e vivamos os nossos sonhos. Acabemos com os sonhos desfeitos. O dia de amanhã será nosso...

MINISTRELS RHYTHM OF HOPE GROUP, FILIPINAS

O Apelo à união para um mundo sem miséria... em marcha

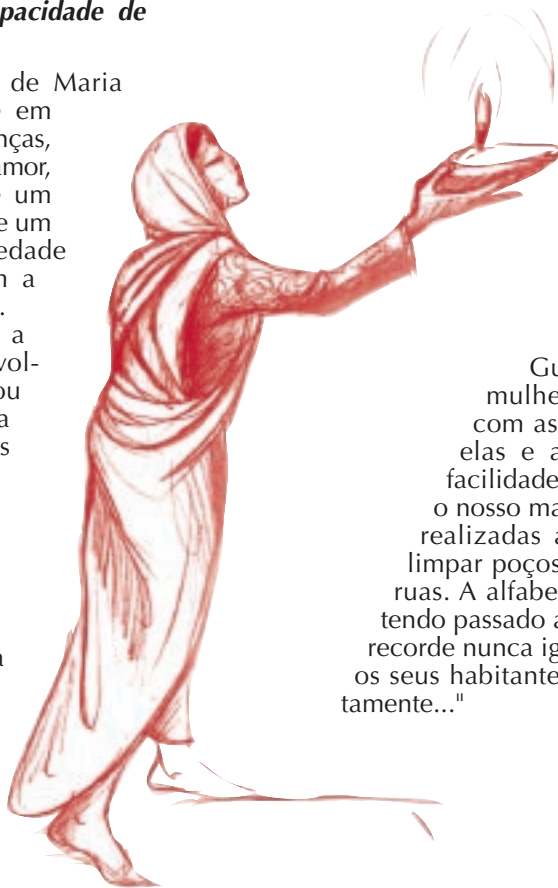
- As mesmas oportunidades para todos. É uma questão de igualdade. *(Finlândia)*
- É preciso excluir a miséria e não os miseráveis. Unamos para vencer a miséria! *(Bélgica)*
- Já escrevi também no meu blog. Os estudantes também aderiram a esta causa. Acredito que, todos juntos, podemos mudar o mundo. *(Portugal)*
- A miséria é uma epidemia do mal. Ela tornou desfavorecidas famílias e crianças da minha idade. É por isso que eu queria que a miséria acabasse no mundo, para que a paz reinasse nas nossas vidas. *(Argélia)*
- Fiquei muito impressionado por este Apelo, sobre tudo pela vontade de reconhecer todos os seres humanos como iguais. Acabemos com o fosso entre os ricos e os pobres. *(Paquistão)*
- Sou solidário a 100%. É uma falta de dignidade deixar pessoas infelizes e até povos inteiros apodrecer na miséria. *(França)*
- Parece-me que a melhor maneira de ajudar é dar às pessoas os meios que lhes permitam lutar contra a miséria, para se livrarem dela e não voltarem a cair nela. E também temos o dever de manter viva uma consciência social. *(Costa Rica)*
- A miséria é um problema mundial que poderemos resolver se nos unirmos. *(Tunísia)*
- Sinto-me essencialmente motivado pela solidariedade com as pessoas que, por várias razões, se acham numa condição de desvantagem total num mundo que poderia muito bem evitá-lo. *(Bolívia)*

• **Acreditamos que cada pessoa tem a capacidade de pensar, reflectir e reagir**

A acção central da Sociedade das Filhas de Maria Imaculada é fazer com que os pobres, e em particular as mulheres marginalizadas e as crianças, possam aceder a valores humanos tais como o amor, a justiça, a paz e a igualdade, através de um processo de tomada de responsabilidades e de um reforço das suas capacidades. A nossa sociedade acredita firmemente que cada pessoa tem a capacidade de pensar, reflectir e reagir. Mobilizando o poder colectivo das pessoas, a Sociedade estende a sua acção de desenvolvimento a cinco estados indianos. E já lançou actividades noutros países como a Tanzânia, a Zâmbia e o Brasil. Através de diversos programas de acção, a Sociedade atinge quase 60.000 famílias.

Um exemplo da nossa actividade: os grupos de ajuda mútua

A Fátima é uma mulher líder em Keelnedungal, uma aldeia situada na Pallipat Union, na Índia. É ela que descreve a evolução da aldeia: "Actualmente, a nossa aldeia é considerada pelas aldeias vizinhas como um modelo. Mas há vinte anos ela era muito atrasada. Como pertencemos maioritariamente à casta dos intocáveis,



trabalhámos durante muito tempo como operários acorrentados. Os alicerces para o desenvolvimento da nossa aldeia foram pousados pela Sociedade das Filhas de Maria em 1986. Elas começaram a trabalhar com grupos de mulheres e há lá hoje 26 grupos de auxílio mútu.

Guiadas pelas Irmãs, nós, as mulheres, podemos agora ir ter com as autoridades, discutir com elas e arrancar-lhes benefícios e facilidades que não são mais do que o nosso mais estrito direito. (...) Foram realizadas actividades como cavar e limpar poços, e instalar candeeiros nas ruas. A alfabetização geral - as meninas tendo passado a ser instruídas - atingiu um recorde nunca igualado. (...) Toda a aldeia e os seus habitantes se modificaram completamente..."

**SR. MK TERESA,
SOCIEDADE DAS FILHAS DE MARIA
IMACULADA, ÍNDIA**

Correio dos leitores – Correio dos leitores – Correio dos leitores

• Para mim, a educação e a formação são as bases do desenvolvimento duradouro. É pois indispensável apoiar a educação das crianças e a formação dos adultos para melhorar os conhecimentos e as mentalidades a fim de contribuir eficazmente para a erradicação da miséria. É por esta razão que saúdo o projecto de mini biblioteca em certos bairros pobres (ver "Carta" nº 69) e espero que possamos ver brevemente projectos como esse nos bairros pobres do meu país. (*Siaka O., Costa do Marfim*)

• Para os jovens com quem lidamos e com quem evocamos a actualidade mundial, é difícil definir a noção de crise financeira. Um deles dizia-me pertinentemente que, sendo assim, o sul de Madagáscar estava em crise há muitos anos. Neste período difícil, não podemos esquecer a solidariedade e devemos manter os valores humanos. Hoje, mais do que nunca, precisamos de vós para não abandonarmos ninguém no esquecimento e na miséria. (*José Luís G., Editorial da Newsletter nº 45, ONG*)

Bel Avenir / Fundação Água de Coco, Madagáscar

• Sinto-me muito grata por me enviarem a Carta aos Amigos do Mundo. Gostaria de responder à carta do Nicolas O. publicada no nº 69, para o felicitar por todas as suas iniciativas e para lhe dizer que os programas de Educação de Adultos no México me parecem especialmente bons, nomeadamente os do INEPJA que têm vindo a ser experimentados no Estado de Aguascalientes de há dez anos para cá. (*Monique R., México*)

• Na República Dominicana fizemos eco ao 17 de Outubro, Jornada Internacional da Erradicação da Pobreza através da difusão do Apelo à União contra a Miséria. (*Maria del M., GCAD-ED, República Dominicana*)

• Recebemos regularmente a vossa "Carta aos Amigos" que fica à disposição de toda a comunidade e que é lida e consultada por muitas pessoas. A nossa casa é uma casa de formação religiosa, mas temos uma boa

biblioteca aberta ao público, e a vossa "Carta" está disponível para esse público e pode ser consultada, assim como as outras revistas. Claro está que tudo o que diz respeito ao Ruanda, ao Burundi e a todos os países vizinhos nos interessa especialmente. (*Marius D. o.p., Ruanda*)

• É maravilhoso receber a "Carta aos Amigos do Mundo" e as informações sobre o Apelo. Trabalho no "Peter McVerry Trust for the homeless" (Trust McVerry para os moradores de rua) em Dublin. O nosso trabalho está principalmente direccionado para as questões ligadas à droga, que aqui constitui infelizmente o grande problema dos moradores de rua. Durante os últimos nove meses, tenho trabalhado num programa de desintoxicação chamado "A Lanterna". Na semana que vem, vou começar a trabalhar noutro programa que é na realidade um centro de acolhimento para pessoas sem domicílio fixo. Gosto muito do meu trabalho e acho-o muito gratificante. (*Sr Margo M., Irlanda*)

O «**Fórum Permanente sobre a extrema pobreza no mundo**» é uma rede de pessoas empenhadas no desenvolvimento de uma amizade e de um conhecimento mútuos, a partir do que vivem e nos ensinam as populações pobres e muito pobres: aquelas que acumulam várias precariedades ao nível da educação, do alojamento, do trabalho, da saúde e da cultura; aquelas que são as mais rejeitadas e as mais criticadas. O Fórum é um convite à adesão de todos os que aspiram a uma forte participação numa corrente de pensamento e de acção que tem como prioridade a recusa da miséria no mundo, declarando-a intolerável e provocando a construção de comunidades onde os mais pobres, munidos dos direitos fundamentais, possam assumir as suas responsabilidades em pé de igualdade e em parceria com os outros. Esta corrente exprime-se através da **Carta aos Amigos do Mundo** que publica as mensagens dos nossos correspondentes três vezes por ano em francês, inglês, espanhol e português, graças ao trabalho de tradutores profissionais que oferecem os seus serviços gratuitamente. O Fórum Permanente é fomentado pelo Movimento ATD Quarto Mundo, OING (organização internacional não-governamental) com sede em Pierrelaye, França e permite a todos os que nele participam guardarem a sua identidade, não passando, por isso, a ser considerados membros de ATD Quarto Mundo. O nosso endereço E-mail: forum.permanent@atd-quartmonde.org Internet : www.atd-quartmonde.org. Assinatura anual: \$8 / €8 Assinatura de apoio: \$10 / €10. © Movimento internacional ATD Quarto Mundo – tipografia ATD – Méry-sur-Oise – Janeiro de 2009.

**OS DESENHOS SÃO DE
HÉLÈNE PERDREAU
QUE, HÁ MUITO,
OS OFERECE GRATUITAMENTE
AO MOVIMENTO ATD
QUARTO MUNDO.**

**PAGINAÇÃO :
L. ROUFFET**